

A Realeza

Voltava do mercadinho do seu Luiz, distraído com minha mente de criança, passava pelas ruas largas e curvas.

Neste caminho, gostava era da Realeza, seringueira, tão imensa e poderosa era essa Realeza! Nem as piores chuvas a derrubavam.
Sempre ia lá, às vezes, me perdia pensando.

- Quantas pessoas já passaram por você, Realeza? A senhora é mais antiga que meus familiares, aposto que está aqui antes de todos.
Neste dia, dormi a seus pés, acordei com um homem cantarolando.
– O que o senhor canta?
– Coisas do coração, pra majestosa seringueira.
– Acredita que ela ouve?
– Claro, presenciou tantas coisas que aprendeu a ouvir, aqui estava quando a cidade era só uma rua.

Aprendeu a ouvir, das mágoas contadas. A cidade cresceu e aqui ficou, as pessoas mudaram com os costumes, perdendo seu encanto, canto para alegrar uma companheira.

Todos os dias que ia no mercadinho, cantava junto com o seu José, deixando a Realeza feliz, cada tarde ouvindo uma história diferente desta cidade, a cidade da Realeza.

(Em memória à seringueira do museu, Rua Treze de Maio...)

Sophia Barros Franco - 9º A
Colégio São José-Limeira



encontro com minhas

Raízes

